


**PROCÓPIO
FERREIRA**



**COMO SE FAZ RIR
E O QUE PENSO...**

**quando não tenho
em que pensar**

EDITOR

FOLCO MASUCCI

SÃO PAULO

PROCÓPIO

Filho de Francisco Firmino Ferreira e de D. Maria de Jesus Quental Ferreira, o grande ator do teatro e do cinema brasileiros, nasceu no Rio de Janeiro a 8 de julho de 1898. Estudante de direito, da Faculdade do Rio abandonou os estudos logo no terceiro ano, ao mesmo tempo em que ingressava na Escola Dramática Municipal, então dirigida por Coelho Neto. A família intimou-o a escolher; Procópio escolheu o teatro e, abandonando a casa paterna, estreou em 22 de março de 1917 no Teatro Carlos Gomes do Rio, na comédia "Amigo, Mulher e Marido" (L'Ange du Foyer) de Robert de Flers et Gaillavet. Em seguida pertenceu à "Companhia Brasileira"; à Cia. de Revistas e Operetas Zazá Soares; à Cia. Dramática Nacional, de Itálio Fausto; à Cia. de Operetas, do São Pedro; à Cia Abigail Maia; à Cia. de Comédia da Empresa Viriato Correia e Nicolino Viggiani, etc.

Em 1924, fundou empresa própria, com ela estreando em São Paulo, em 14 de março, impondo-se rapidamente como o maior comediante e ator característico brasileiro.

Seu primeiro grande êxito foi no papel de "Zé Fogueteiro", da peça "A Juriti" de V. Correia Viera. Depois muitos outros sucessos, como o do papel principal de "Deus lhe pague", de Joraci Camargo, peça que representou mais de 3.500 vezes, sendo o recordista mundial de interpretação. 421 peças de todos os gêneros, desde a revista ao drama, comédia e tragédia grega.

Casou-se em 1920 com a atriz

EDITOR FOLCO MASUCCI

COMO

SE

FAZ

RIR



O QUE PENSO... QUANDO

NAO TENHO EM QUE PENSAR

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Distribuição exclusiva da
"LEIA" LIVRARIA EDITORA
IMPORTADORA AMERICANA LTDA.

Praça Alfredo Issa, n.º 8
(Sede Própria)

(Av. Cásper Líbero esquina da
Rua Beneficência Portuguesa)
Caixa Postal, 7129 Tel. 342277
São Paulo

PROCÓPIO

FERREIRA

COMO SE FAZ RIR

O QUE PENSO...QUANDO

NAO TENHO EM QUE PENSAR

PREFÁCIO DE
MENOTTI DEL PICCHIA



1967

EDITOR FOLCO MASUCCI SÃO PAULO

OBRAS DO AUTOR

- *ARTE DE FAZER GRACA*. Rio, Empresa Brasil Editora, 1925.1.a edição, esgotada. (2.a edição, EDITOR FOLCO MASUCCI,SÃO PAULO). *No prelo*
O ATOR VASQUES (O homem e a obra). São Paulo, Tip. José Magalhães, 1939. *Esgotado*.
- *PEQUENA HISTÓRIA DO TEATRO BRASILEIRO* (Para os que não têm tempo de ler). (EDITOR FOLCO MASUCCI, SÃO PAULO). *No prelo*

Conferências:

COMO SE RIA ANTIGAMENTE.

DA CRIAÇÃO, DA EMOÇÃO E DA EXPRESSÃO NO TEATRO.

- *ANTONIO JOSÉ* (O judeu)
- *JORACY CAMARGO E SUA OBRA*
- *O TEATRO NACIONAL ATÉ LEOPOLDO FRÓES*

A sair:

- *EFEMÉRIDES DO TEATRO NACIONAL*
- *PROCOPIO APRESENTA PROCOPIO* (Memórias ilustradas)(EDITOR FOLCO MASUCCI, SÃO PAULO).

Notas sobre

PROCÓPIO

por

Menotti del Picchia

Na minha geração, três grandes atores tornaram-se o orgulho de nosso teatro: Leopoldo Fróis, Jaime Costa e Procópio Ferreira. Cada um desses artistas encarnava um tipo diferente quanto ao temperamento e à técnica, mas se alteavam na mesma paridade gloriosa. A famosa "Enciclopédia dello Spettacolo", registrada na biografia de Procópio, como o "maior ator característico brasileiro".

O primeiro a ver descer velário sobre seu drama vital foi Leopoldo Fróis. Este, como o velho moço Maurice Chevalier, era a jovialidade e a elegância. Irradiava simpatia. Sua carreira foi um suceder de triunfos.

Agora o Brasil perde Jaime Costa. O veterano artista sustentou seu papel na ribalta até cair, representando sua última peça, quase com a última "deixa" na boca. Acabara de recitar a comédia que todas as noites o coroava com os aplausos que foram a constante da sua carreira.

Dessa tríade famosa o grande Procópio Ferreira continua a altear seu pendão vitorioso ostentando galhardamente sua eterna juventude de artista e sua hígida força de homem. É o Procópio de sempre.

Traz, para seus instantes de atuais sucessos, a glória de uma das mais impressionantes carreiras artísticas como figura por tanto tempo dominante do teatro brasileiro. No país e na Europa, as plateias o consagraram não apenas como magistral ator característico, mas também como lançador de novos valores entre nossos

hoje famosos comediógrafos, popularizando suas obras, divulgando-as fora das nossas fronteiras. Se se realizava na plenitude da sua vocação, prestava concomitantemente, serviço à cultura patricia, divulgando-a e estimulando os novos escritores. Seu êxito inicial como a hoje clássica "Juriti" de Viriato Correia, tornou-se consagração universal com a comédia "Deus lhe pague" de Joraci Camargo, da qual, em uma "tourné", deu 1.500 representações. Culto, estudioso, também escritor, encenou alguns criadores imortais marcados pelo seu amor, como Molière seu nume artístico, Goldoni, Chiarelli, Pirandello, Niccodemi e outros. Procópio realiza-se magistralmente em qualquer gênero.

Largo sorriso sadio iluminando a máscara glabra mas ciranésca, é a marca fisionômica que lhe empresta aquela segurança com que, logo ao levantar do pano, domina a sua platéia. Quem The penetrasse o íntimo saberia, entretanto, que é a platéia que o domina. É que a grande arte de Procópio, direi, a grande sabedoria do ator, está em captar o espírito do seu público, integrar-se nele. Dotado desse radar de que os grandes artistas do palco dispõem na própria sensibilidade, dá à sua interpretação o tônus da representação que a platéia espera. Creio mesmo que um Novelli, um sir Lawrence Oliver ofereceriam a uma nevoenta assistência nórdica um "Hamlet" diferente do que dariam a uma solar platéia carioca. Não se trataria de trair o texto, apenas torná-lo mais vivo e comunicante. No fundo, o que visou o autor, foi transmitir, de forma sonora e plástica sua mensagem cênica. Sempre a forma melhor é a que me

lhor seja absorvida pela platéia. A linguagem emocional e mímica cabe ao ator realizá-la adequando-o às circunstâncias de cada público.

É o que Procópio revela em notas deste interessantíssimo volume: "Quando entrei para o teatro julguei pensar com a minha cabeça. O público obrigou-me a pensar com a cabeça dele. Passei a ser escravo da multidão".

Ai está a chave do sucesso de Procópio Ferreira e a chave da sua glória. Não há como desligar um ator da sua platéia uma vez que tudo o que este representa drama, tragédia, comédia, farsa são recriações de fatos, sentimentos, posições humanas. A irrealidade do personagem é refração de uma realidade vivente. Que são as tragédias de Sófocles, os dramas de Shakespeare, o teatro de Ibsen, as geniais lucubrções quase surrealistas de Pirandello, senão a exposição de fatos e paixões humanas? Ao leitor das peças imortais desses gênios criadores da grande literatura cênica, concede seu criador a faculdade de imaginar os personagens plasmando-te um corpo mental formado pelo temperamento e pelo gosto de cada um. O ator, porém, em cena, deve realizar, diante de cada platéia diferente, aquela que ele sinta ser a melhor maneira de transmitir o sentido e o espírito da obra. Essa escravidão à platéia, de que fala Procópio, não imposta em uma traição ao texto mas em um esforço de comunicação plena da mensagem do autor. Homem múltiplo, Procópio Ferreira se desdobra no culto estudioso da sua arte e em ágil e arguto escritor. São conhecidos seus ensaios e conferências, notadamente "O Ator Vasques, o homem e a obra" e "A Arte de fazer graça". Neste volume "O que penso... quando não tenho em que pensar", mostra o famoso ator que seu cérebro não cansa: quando não tem o que pensar,

apenas muda a qualidade do pensamento... Este, à maneira de La Rochefoucauld, se desdobra em lúcidos axiomas nos quais cintilam centelhas de ironia e de graça. Ao lado, às vezes, de conceitos profundos, explodem aí, zargunchadas de sarcasmo como quando observa: "O homem é o único animal que ri. Por isso é que os burros não gostam do teatro cômico". Mesmo seu velado pessimismo o desfaz com um sorriso: "Ideal? Quando possuímos recursos para sacrificá-lo em favor do sonho. "E, comentando coisas de teatro, o que se aplica às demais coisas da vida, observa: "O autor antes da estreia: "A peça não vale nada. Só seu talento poderá salvá-la. Confio em você. Depois da estreia. A peça não foi interpretada como devia. Se fosse, o sucesso seria maior".



Os grandes humoristas das letras e os grandes cômicos das ribaltas são o sal do mundo.

Entre os escritores, os musicistas e os gênios do palco, são raros, mas preciosíssimas exceções, os que a natureza dotou também da graça humana do humorismo. É a hilaridade remédio espiritual para as criaturas quase sempre imersas no temor, na insegurança e na melancolia. Felizmente é o homem o único animal dotado da graça do riso. Deu-lhe Deus esse dom para contrabalançar nele as dores do mundo. É ela tão fisiologicamente salutar que basta as movimentações dos nervos faciais abrindo na nossa máscara a alegria de um riso ou de um sorriso, para que, mesmo em meio à preocupação ou à angústia, acorram ao nosso cérebro idéias sadias e felizes. Infelizmente raros são, nas várias artes, os humoristas e os cômicos.

Para centenas e centenas de gênios da ficção contam-se por vasqueiras unidades os Mark Twain. De pilhas enormes de partituras saltam, como milagres excepcionais, as páginas hilares de Rossini. E na ribalta, nas suas luzes geralmente sombrias de dramas e tragédias, o fenômeno genial de um Charles Chaplin resplende, com um reencontro com a alegria de viver, a transcendente comicidade do seu gênio.

O ator Procópio dispõe, virtuosisticamente, de todas as facetas da arte cênica. Mestre no drama podendo levar a platéia às lágrimas, brinca com o humor, num clima alto, fazendo-a desfazer-se em risos.

A estirpe rara dos atores completos e miltívocos pertence Procópio Ferreira. A leitura deste livro mostrará também ao leitor que, ao lado do grande artista, está um homem bom. E que não há grandezas sem bondade. Seu horror pelos medíocres vaidosos e seu amor pelos artistas, pelos humildes e pelos cães, explicam, neste semeador de alegrias, não apenas a sobrevivência da sua arte dentro da perene juventude do seu espírito, como a simpatia e a fama que desfruta em todas as plateias.

Menotti Del Picchia

São Paulo, fevereiro de 1967.

COMO

SE

FAZ

RIR

Conferência realizada
na tarde de 11 de
novembro de 1933, no
Salão da SPAM.

A EXMA. SRA.

DONA OLIVIA GUEDES PENTEADO,

*a quem tanto devem artistas e
intelectuais do Brasil de estímulo e
consciente seleção de valores*

a melhor e maior HOMENAGEM

de

PROCOPIO

Minhas Senhoras,

Meus Senhores:

Seria covardia intelectual iniciar esta conferência ferindo desde já o tema anunciado. Em "Como se faz rir" iremos demonstrar praticamente o mecanismo do cômico teatral, uma, portanto, das múltiplas modalidades do grande cômico, do cômico genésico, do cômico criador da alegria universal. A natureza do homem tem dois polos imutáveis: dor e alegria. Ambas, em função uma da outra, conservam o ritmo do mundo, no qual o homem é um simples instrumento de vibrações infinitas gerando sensações e idéias. A correntada ao sofrimento, a alma humana sofre a tragédia de Prometeu-a na ânsia da libertação. Nenhum símbolo maior criou o gênio de todos os anseios humanos. É a "eterna revolta do espírito contra o destino ignoto, a ânsia secular de liberdade que agita a espécie, a sua obstinada ambição de dominar a natureza. Prometeu é toda a energia humana, o esforço incessante que busca melhorar as condições da nossa vida, que cria as artes e as ciências, que funda a cidade e o templo, que estabelece a ordem social, que edita as leis, que vence o tempo e o espaço, põe ao serviço as forças cegas da natureza, faz, enfim, sobre a terra esta coisa que nenhum outro ser da criação realizou: a civilização. A lenda de Prometeu é, verdadeiramente, a epopeia da Humanidade". Mas, no outro extremo da vida, encontramos em

Têmis, o ideal. O ideal é a Justiça, é a Perfeição, é a Alegria, em suma. É o transbordamento do mundo na satisfação de si mesmo. Liberto do Cáucaso da dor para integrar-se na liberdade de todas as coisas, na liberdade cósmica, mãe dos astros e dos homens. Nesse dia, mudada a face da vida, teremos, neste futuro paraíso terrestre, a volta dos festins de Dionísio, já agora, não para festejar o fruto das videiras, mas para embriagar-se de alegria, ante o cadáver ressequido da árvore do mal. Polarizará então na alegria infinita o ideal humano. O novo Olimpo terá novos Deuses, os Deuses da alegria, os Deuses da graça, os Santos da ironia, os Anjos do espírito. Toda uma corte de bons gênios risonhos fazendo milagres de prazer. Quem não será um devoto consciente de Aristófanes? Quem não rezará as estrofes de Molière? Quem não terá as suas superstições com Swift? Os seus segredos com Mark Twain, e as suas ousadias com Rabelais? E por que assim seremos e neles acreditaremos? Porque as suas fantasias serão realidades. O gênio do riso que lhes fecundou a alma regerá todas as almas, fazendo de todos os destinos um destino só: viver cantando, porque o canto é a alegria em música. E, sobre a recordação risonha dos mártires dessa glória, as nossas melhores flores de alegria serão despetaladas. Sobre a lembrança desses peregrinos propagadores da graça imortal, que encheram a sua hora terrestre dando esmolas de ilusão na Boa gargalhada de um minuto. Para esses, os comicos, assim chamados em linguagem singela, à falta de melhor compreensão, o respeito possuirá mais refinadas atenções. Quando houver tranquilidade para rir, pensar-se-á melhor na grandeza desse privilégio, e se dará ao excepcional missionário as honras maiores do nosso espírito. Embora tenha sido séria cogitação

de sábios o problema da alegria, a humanidade, pouco propensa à investigação, olha o fenômeno despreocupadamente, com ares superiores. Fora da ação objetiva nada mais lhe interessa, nem lhe excita a curiosidade. "O cômico é um homem que faz rir". É esta a sua fórmula. Suficiente à preguiça do raciocínio, esta força psíquica formidável passa a ser função banal de uma criatura que, fugindo ao humano, diverte os seus semelhantes, na escala zoológica, é claro! No entanto, minhas senhoras, lembremo-nos de que nada há mais sério sobre a terra do que a comichão. Ela é a tragédia comum da vida. Por isso, o assunto da minha palestra, paradoxalmente anunciado: "Como se faz rir", traz em sua complicada natureza todas as forças sombrias da psique humana, projetando no mundo, à maneira de lanterna mágica, esse espetáculo terrível em sua gênese: o cômico. Imaginai, minhas senhoras, a criação de um brilhante nas profundezas da terra? A luta titânica de mil forças prodigiosas pela fecundação da gema esplendente. Desse mistério de combinações desconhecidas, de elasticidades criadoras, surge, sem mácula, esse clarão petrificado, eterno, comparável somente ao olhar humano. Pois bem, de semelhante drama, brota das profundezas da alma essa aurora mágica que se chama a comichão. Alegria em estilo; já pronta para o goso do espírito. A dor humana sublima na alegria a sua ânsia de perfeição. No círculo da relatividade, perfeição quer dizer felicidade. Ser feliz é ser alegre. Ser alegre, conscientemente, é ter sofrido profundamente. A alegria dos inconscientes é uma paranoia. A literatura sem cérebro, que por aí anda vestindo de chita esqueletos de idéias, criou para os repetidores de frases esta definição: Dor e alegria caminham paralelamente. Está errado! Não podem caminhar para

lelas duas forças que se encontram, se casam, se cruzam, se unem e se confundem. Encontram-se como duas linhas no vértice de um ângulo. Onde termina uma começa a outra. Filha da dor só na dor pode existir. Assim são tristes os vendedores de alegria e, dentre esses, os cômicos se destacam como verdadeiros magos, causando estranheza no espírito dos homens. Faquirismo diabólico esse de trazer a alma crivada de punhais de riso, dilacerada de gargalhadas trespassada de alegria. Dor imensa de reagir com clarões à noite permanente da melancolia. Os cômicos são tristes porque sabem ser profundamente alegres. E essa alegria imensa, transbordante, alargadora é criada pela análise minuciosa das suas próprias tragédias. O cômico para fazer rir desce primeiro ao abismo de si próprio. É lá, no insondável do seu subconsciente, que ele encontra a porta encantadora para a fuga. Essa porta, feita de luz, como um véu de luar, é a sua própria dor dissecada, analisada, feita cadáver emocional, que ele traz para o espetáculo do mundo. É de um trágico indescrevível a luta de fazer passar pela retorta da comichidade toda a força esmagadora da tragédia.

Gastão Pereira da Silva diz que a análise psicológica da comichidade tem provocado as mais sérias controvérsias entre tratadistas notáveis, e que desde a mais remota antiguidade é assunto ventilado. Platão, Cícero, Aristóteles emitiram opiniões a respeito.

Aristófanes, o maior comediógrafo da antiguidade clássica, deixou nesse particular, conceitos um tanto originais, que Aristóteles aproveitou.

Com o advento da Ciência e, principalmente, depois das conquistas da Psicologia, vem sendo o tema tratado com mais profundidade, continuando, porém,

sem unidade nas suas definições, embora olhado sob outros aspetos.

Todos os tratadistas, como se vai ver, abordaram, em conjunto, o fenómeno da comicidade, o cômico em si, a situação mental, ou psicofísica que pode provocar o riso; além do contraste, ou da polarização dos sentimentos que se apresentam em nós mesmos, quando achamos graça em alguma coisa, como um processo reversível.

Porém, de certa época a esta parte, com as pesquisas principais de Hobber, Kecker, Kan, Wolckelt, Spencer, Wundt, Kretschener, Bleuler, Kraepelin, Teodor o Lipps, Lilly, Penjon e tantos e tantos outros, já a comicidade se não apresenta como uma qualidade física, senão com uma apreciação subjetiva de um valor espiritual.

Por isso diz Goyanes “o cômico é sempre o contraste de dois valores justos e equívocos. Os objetos naturais em si mesmos não podem despertar o sentimento cômico. Ainda admitindo a hipótese de uma vontade metafísica na natureza, como quer Schopenhauer e outros, não teríamos em nossa consciência elementos para julgar o mérito da sabedoria, parecendo-nos um tanto néscio o dizer-se que este mundo está miseravelmente mal feito”.

“As leis naturais obram por si mesmas, numa vontade criadora, segundo o conceito das escolas filosóficas e religiosas. Sempre o fazem de uma maneira indefectível e sem liberdade, com um determinismo iniludível”.

“Só na coerência dos seres vivos e, sobretudo do homem, há liberdade, ou pelo menos nos parece que existe, porque pode ele tomar um caminho optativo.

Consequentemente só nela é possível se dar uma ponderação valorativa".

"Portanto, os objetos naturais não podem despertar em nós mesmos o sentimento da comicidade, senão quando tenham sido subtraídos às leis inexoráveis da criação pela mão do homem. Ao contemplarmos uma árvore, que nunca havíamos visto, rara e surpreendente, achamo-la feia ou bela, grande ou pequena. Ela nos pode despertar um sentimento agradável, ou desagradável, de simpatia, ou de repulsa. Nunca, porém, a comicidade".

Uma paisagem natural nunca pode ser cômica. Por outro lado, não existe comicidade na obra do instinto.

O sentimento cômico surge por localização, comparação, transferência do que é natural ao artificial, elaborados pela mão do homem. É uma transformação de pessoa em coisa.

"Fica, assim, a qualidade cômica despida das pessoas, dos seres animados, dotados de vontade consciente. Ao contrário, é como que transferida ou objetivada no produto de sua elaboração, que nunca é somente material, senão sempre, em todos os casos, e ao mesmo tempo, espiritual".

"Pode, portanto, ser fonte de comicidade a tirania do instinto sobre a razão, e das funções inferiores sobre as elevadas e excelsas, as do animal sobre o espiritual".

DEFINICOES

"Surge a comicidade na contemplação da própria superioridade ante o absurdo, quando não vai acompanhada

nhada de uma impressão emotiva de temor e de compaixão (Gross)."

"Um contraste rápido do sentimento, uma oscilação entre o que agrada e o que desagradar, seria o motivo psicológico do cômico. (Hecker)."

"O cômico é de essência espiritual ou psíquica, não se achando fora da vida do espírito. (Bergson)."

"O riso nasce na consciência quando o sentimento brusco do triunfo é sentido superiormente em relação à sua inferioridade passada. (Hobbes)."

"É uma comparação entre o eu adulto e o eu criança (Freud)."

"É o elemento causal eficaz da desproporção de uma ação, ou ato, que o homem se propõe a executar (Kraepelin)."

"É a redução a nada de uma expectativa intensa (Kant)."

Uma negação irracional que desperta na mente uma afirmação racional, seria, para Lilly, a causa da comicidade.

Penjon considera o riso como consequência de tudo aquilo que escapa ou se subtrai a uma lei.

A comicidade é a reunião súbita de dois aspectos. Que pareciam incompatíveis diz Kerkeurath.

Seria por demais longo, e até mesmo cansativo, se: eu me propusesse a levar mais longe essas definições.

Quis apenas dar uma idéia do quanto são variados: e multiformes os conceitos emitidos por pensadores notáveis no tocante ao mecanismo do cômico.

Eles apenas dizem porque uma idéia nos desperta o sentimento chistoso. Não é esse precisamente o caso que mais interessa à finalidade desta dissertação.

E meu intento transportar para os domínios da arte, não o fenômeno em si, mas o fenômeno provocado, de modo natural, intuitivo quase, com que o artista se utiliza dessa qualidade para fazer rir.

E uma questão por demais exígua em psicologia. Um caminho ainda pouco explorado. De sorte que não é, à primeira vista, fácil concluir.

Como quer que seja, a maioria dos tratadistas, mais eminentes, asseguram que o mecanismo da comicidade é sempre um contraste sentimental.

Necessário se torna porém saber como esse contraste pode ser aproveitado pelo artista com aquela mesma ingenuidade, característica do cômico natural.

Verse-a então que no artista a elaboração da comicidade será um meio de que ele *pode* dispor para tirar prazer dos processos psíquicos.

Certamente, para eles, como já foi dito, iluminados pela centelha da arte, ha de haver aquela disposição mental privilegiada, capaz de favorecê-lo. Ou, melhor, uma capacidade personalíssima, cujas raízes profundas tocam a região miraculosa do *inconsciente*.



Pode dizer-se que antes de Bergson e de Freud a essência característica do cômico havia escapado a toda investigação.

Entretanto, se as definições citadas não possuem, em última análise, um conteúdo de validade integral, servem para determinar as condições resultantes e indispensáveis na gênese do prazer cômico. Isto é, apontam a estrada. Ensinam a descida à psicologia profunda.

Depois de algumas considerações a respeito da es

pontaneidade cômica, Bergson e Freud abrem o caminho para a sua transposição dos domínios da arte.

Diz Bergson que o homem na idade madura perde a alegria que lhe proporcionara a infância, fértil em emoções ridentes, precisando então substituí-la por outras fontes de prazer nas quais a dor é, então, subtraída.

Tal sentimento seria, assim, uma reminiscência da adulta, "qualquer coisa" de infantil, ainda que a pessoa a ser artificial. Isto é, o homem artificializa a infância nas suas emoções alegres.

Todas elas diz Bergson possuem, na idade adulta, "qualquer coisa" de infantil, ainda que a pessoa não a reconheça de maneira explícita.

Passa depois o eminente psicólogo a analisar outros aspectos da questão, sem chegar contudo a uma conclusão definitiva.

Freud, seguindo a trilha do cientista francês, detendo-se mais nesse ponto, investigando com mais profundidade as raízes infantis, fato aliás culminante em psicanálise, acrescenta, ao pensamento bergsoniano, o conteúdo sexual de sua doutrina e contesta a *exclusividade* das emoções alegres infantis como única fonte de prazer.

Diz Freud:

"Se quisermos prosseguir em nosso intento de chegar à essência do cômico na relação pré-consciente com o infantil, havemos de avançar mais além da teoria bergsoniana, para concluir que a comparação produtora do cômico não tem necessidade de despertar todo o antigo prazer e todos os antigos brincos infantis. Ao

contrário. Basta que se procure a essência da vida infantil e, até mesmo, a dor que aí tenha existido”.

“Com isto nos separamos de Bergson, permanecendo de acordo com o nosso modo de pensar. O prazer cômico não é um prazer lembrado, senão, como sempre, uma comparação”.

Com esse conceito pode chegar-se a concluir que essa comparação entre o eu criança e o eu adulto, se realize ainda que aquela idade fosse repassada de desencantamento, de tristeza.

Comparação esta que pode ser feita entre o próximo e o eu, totalmente dentro do eu do próximo, inteiramente dentro do eu.

Uma vez que o assunto permite, a título de comicidade aí vai junto a tão ilustre companhia, também a minha definição: O cômico é um prolongamento do normal, sem alteração de suas características. Exemplo: suponhamos que nesta sala, onde se acham reunidas tantas criaturas encantadoras se produzisse o diabólico fenômeno de começarem todas a engordar rapidamente, a ponto de cada uma ter necessidade de dez cadeiras para se sentar? Teríamos um fato cômico de enlouquecer de riso, uma vez que riríamos de pessoas nossas conhecidas que nunca imaginaram verse em tal situação.

Vejamos agora o mecanismo do cômico teatral, isto é, o cômico no teatro.

A COMICIDADE DAS SITUAÇÕES

A comicidade, no teatro, depende de três circunstâncias isoladas. No primeiro caso, ela depende, exclusivamente do ator cômico, que, fazendo passar o conteúdo da peça pelo filtro da sua capacidade histriônica, revê-o a seu modo, segundo a sua maneira de sentir e interpretar. É o caso em que se exige o cômico perfeito, de cuja personalidade depende a natureza da peça, que passa a ser uma criação do ator. Esse aspecto é flagrante no caso da mesma peça, que é engraçada com este ator e monótona com aquele outro. A comicidade depende da conjugação dos fatores hilariantes da peça com os elementos histriônicos do ator. O autor oferece as frases, em circunstâncias especiais, e o ator, dentro da inteligência das frases, modula-as segundo a capacidade, ou conforme os imperativos das circunstâncias. Há mil maneiras de pronunciar, ou inflexionar. Mas, em certos casos, o autor, para o efeito cômico, precisa que a frase seja pronunciada de um determinado jeito. Um, entre milhares. O ator deve procurar o jeito determinado, pela compreensão do momento, a oportunidade e a sincronização do gesto com a expressão fisionômica e a voz. É o outro caso em que o autor precisa do intérprete. No terceiro caso, o autor não precisa do intérprete, mesmo que ele seja uma negação para a arte de representar. A comicidade depende exclusivamente do autor. Os intérpretes são bonecos que obedecem cegamente à sua vontade. Armadas, pelo autor, as situações, nada mais será preciso, às vezes, que a presença do ator, ou melhor, de uma pessoa qualquer. Digo assim, porque, em muitos casos, os autores se servem de objetos, aos quais ninguém poderá atribuir vo

cação artística... Pode parecer um pouco estranha, ou demasiadamente ousada a minha afirmativa. Por isso, vou exemplificar. Tomemos, para exemplo, um objeto qualquer... Um telefone. Um telefone, que me conste, não tem graça nenhuma. Às vezes são até bem desagradáveis. Pois bem. Um telefone pode ser considerado um ator cômico, ou antes, uma mediocridade do palco. A cena poderá ser esta: Uma mulher, divorciada do primeiro marido, casou-se com um segundo. Uma tia rica da província, velhota enérgica e voluntariosa, é radicalmente contrária ao divórcio. Por isso, a sobrinha, visando a herança, não lhe comunicou o divórcio e muito menos o segundo casamento. A tia, que nutria uma grande simpatia pelo primeiro marido, resolve visitá-lo vindo à cidade, para hospedar-se na casa da sobrinha. Como vêm, está armada a primeira situação cômica, produzida pelo telegrama da tia, que deve chegar naquele mesmo dia. Para salvar a situação só há um remédio: pedir ao primeiro marido que venha fingir de marido de fato, durante a presença da tia, e rogar ao segundo que se sujeite a fazer o papel de simples amigo do casal. Obtidos esses "pequenininhos" favores, chega a tia. A Boa da velhota, necessariamente, festeja muito o seu Pseudo sobrinho e não liga nenhuma importância ao "amigo" do casal. Colocam, portanto, em situação quase humilhante. O infeliz vai dali por diante suportando pequenos revezes e arranhaduras na sua sensibilidade de marido ciumento. São perguntas indiscretas da tia... Além disso a velhota provinciana quer presenciar a felicidade do casal. Obriga-os a se abraçarem e beijarem. O público há de: rir, com um simples abraço ou um beijo, coisas que, parece-me, qualquer pessoa sabe fazer... sem ter vocação para o teatro... Já aí a graça dependeu, portan

to, exclusivamente, do autor. Mas vamos ao caso do sr. Telefone, ator cômico. As horas passam-se. Chegou a hora trágica para o verdadeiro marido a hora de dormir. O amigo do casal precisa retirar-se, porque a sua presença já está sendo julgada inconveniente pela tia provinciana e voluntariosa. Ela diz mesmo, sem nenhuma cerimônia, que o infeliz deve retirar-se. Segunda situação. Estão os três, a mulher, o 1.º e 2.º maridos, em palpos de aranha. Só há um remédio, para não perder a fortuna da tia. Enquanto ela sai por um motivo qualquer, dão-se as combinações. O verdadeiro marido sairá e ficará na esquina da rua, em uma confeitaria próxima, aguardando telefonema da mulher para voltar à casa, depois que a tia estiver recolhida em seu quarto. O marido aceita a custo essa proposta. Lamenta-se, quer revelar a verdade, tem ciúmes. Ele é feio e mais velho do que a mulher. Ao passo que o primeiro marido é moço e bonito. Mas a mulher pede, suplica e ele aceita o sacrifício. A tia volta. Insiste para que o verdadeiro marido se retire, ao mesmo tempo que obriga a sobrinha, ainda na presença dele a entrar para os seus aposentos, em companhia do outro.

Terceira situação. O verdadeiro marido não tem outro remédio senão retirar-se, sucumbido, ao vê-los desaparecer. Mas antes, o coitado lança um olhar súplice para a mulher e para o telefone, como que a lamentar a combinação. A tia vai deitar-se, satisfeita. A cena fica deserta. Os móveis, as tapeçarias e um telefone, com a boca preta e redonda, inexpressiva. Mas toda a atenção da platéia está concentrada no telefone e embora não se tenha esquecido da situação do infeliz que aguarda o telefonema na confeitaria. Há uma longa pausa. A demora já não inquieta apenas o marido,

mas impaciente a própria platéia. Num dado momento o telefone toca desesperadamente!

A explosão de uma enorme gargalhada é inevitável! E quantas vezes o telefone tocar, tantas serão as gargalhadas.

Eis ai como pode um telefone ser transformado por um autor inteligente no mais engraçado ator cômico...

É assim que se fazem as mediocridades.

Há companhias teatrais que se poderiam chamar: Companhia Telefônica Brasileira".

Vimos, então, três modalidades de comicidade produzida por efeitos adrede preparados.

Mas são múltiplos e variados os processos de que se podem utilizar autores e atores, processos que foram genialmente cristalizados pelos definidores citados.

Observe-se a diferença e mesmo o antagonismo flagrante entre todas as definições, para concluir-se que a comicidade abrange toda a complexidade dos sentimentos humanos, isolados, combinados, ou situados de diversas maneiras. Isto prova que seria impossível uma definição única, sintética, que exprimisse, num só pensamento, a idéia exata da comicidade. Os gênios da filosofia, da psicologia, fisiologia e da moderna psicanálise, não conseguiram em todos os tempos, selecionar o misterioso micróbio que produz a cócega irresistível...A sua existência é incontestável, pelos efeitos que produz, mas ainda não foi possível determinar-lhe a natureza estranha, que nos parece atômica e tem uma projeção multicelular!

Como será o micróbio da comicidade? Feio? Engraçado? Com os movimentos de um polvo infinitesimal? Desengonçado e maluco? Ou será um desses micróbios lesmáticos, quase sem vida, tristonhos, que causam dó à indiferença científica dos microbiologistas?

Ninguém o sabe!

Onde viverá ele?

Em nós? No sangue, no cérebro, ou no coração? Viverá no ar, agindo exteriormente, em milhões, produzindo ondas, como uma imensa poeira de "pó de mico"? Ou será expelido pela boca do comico, à maneira das estações de rádio, para uma transmissão, pelas ondas hertzianas, da estação transmissora, que é o comico, às receptoras, que são o público?

Repito: ninguém o sabe ainda!

Ai está o grande valor da comicidade. Um bem ignorado e misterioso, um palhaço invisível e bom, que diverte as multidões e não vem receber os aplausos...

Assim, não nos será possível, como não o foi a ninguém, investigar as causas, mas apenas estudar e apresentar os efeitos.

Examinemos, pois, diversos aspectos desse imenso panorama, que abrange todas as manifestações e atividades humanas.

Eis aqui um exemplo de comicidade, baseado na lógica. Pela lógica, a conclusão deve ser uma resultante e natural das premissas. Mas o autor, para produzir o efeito cômico, contraria a regra. Lança as premissas. Encaminha o raciocínio dos espectadores, que, pela sua condição de normalidade, deixasse conduzir, porque a sua própria vontade está sendo satisfeita. Mas num dado momento, no momento da conclusão, o autor, habilmente, surpreende o raciocínio dos espectadores.

concluindo fora da Lógica, mas rigorosamente dentro dos sentimentos humanos.

Vejamos.

Num escritório trabalham vários rapazes e uma moça datilógrafa. Conhecem-se todos, como se podem conhecer companheiros de trabalho, que se encontram apenas durante as horas de serviço. A ação começa pouco depois de iniciado o expediente do escritório. Os rapazes já estão trabalhando; a moça ainda não chegou.

Vamos começar. Diz um dos rapazes:

"Helena está demorando".

Observa outro:

"É para admirar, porque ela nunca chega atrasada".

Fala o terceiro:

"Que teria acontecido?"

A própria moça responde, ao entrar neste momento:

"Nada! "Nada, ou tudo!" E continua, alegremente, desembaraçada: "Imaginem vocês que perdi o bonde!. Já estava nervosa, quando parou junto de mim uma baratinha, conduzida por um lindo rapaz. Ofereceu-me, sem cerimônia, um lugar ao seu lado para conduzir-me até aqui. Ah! Não queiram vocês ouvir os desaforos que ele ouviu! Mas o diabo tanto tinha de bonito como de cínico. Não se perturbou. E quando me calei, ainda me fez propostas! E que propostas! Convidou-me para passear à noite na baratinha, para visitar-lhe o apartamento, ouvir discos e tomar licores! Sujeitinho desaforado!"

Pergunta bruscamente um dos rapazes:

“É claro que você recusou?!”

E ela, sorridente:

“Não! Aceitei!”

Ai estão contrariados todos os preceitos da lógica e da Boa moral, para produzir um efeito cômico. Mas não se pode negar que tanto o autor como a moça, foram humanos. E isto porque não há comicidade perfeita, sem humanidade.

Carlitos, cuja genialidade foi reconhecida pelo mundo inteiro, deve sua glória à sua comicidade humana. A muitos pode parecer falsa essa afirmação, dada a excentricidade do tipo único e maravilhoso por ele criado. Tão maravilhoso que, hoje, uma simples cartolinha, uma finíssima bengalinha e dois grossos sapatos, identificam o tipo do tristíssimo e irresistível filósofo da comicidade. Todavia, a excentricidade do tipo em nada compromete a humanidade dos seus trabalhos. Reparem em que toda a graça de Carlitos é indireta e reflexa. Em todos os seus filmes há duas ações paralelas. De um lado, personagens que representam a humanidade, todos cômicos, vivendo os momentos ridículos da vida. De outro lado, ele, o Carlitos, um eterno desgraçado, um grande infeliz, irremediavelmente triste e profundamente dramático. Toda a sua graça é dolorosa; todo filme seu é tragicômico. Ele apenas sofre para fazer rir. Examinemos “Luzes da Cidade”. Há, no filme, um milionário dado ao vício da embriaguez. Personagem cômico. E Carlitos, sem vintém, precisando de dinheiro para proteger a uma ceguinha. Personagem dramático. O milionário é democrático e liberal, quando se embriaga. Carlitos, na sua cândida ingenuidade, aceita as expansões amistosas do milionário ébrio, vai em companhia dele para a sua luxuosa residência e recebe-lhe uma boa quantidade de

dinheiro. Estava feita a felicidade de Carlitos. Mas passa a bebedeira do milionário e este já não o reconhece como amigo e, antes, considera-o, ladrão. Carlitos é preso. De quem é a comicidade? Da situação produzida pela bebedeira do milionário. Quem é o cómico? Carlitos, com a sua infelicidade.

Continuemos.

Carlitos vai para a prisão e assistimos a um momento de filosofia cômica, num simples gesto de extraordinária renúncia. A porta da cadeia, Carlitos atira para trás a ponta do cigarro com um ligeiro pontapé e entra saltitante e conformado para a prisão. A platéia ri. De que? Da infelicidade de Carlitos? Não. Entrar numa cadeia não tem graça nenhuma. A platéia ri do pontapé na ponta do cigarro. Por que? Porque há no gesto um mundo de expressões. É uma maneira cômica de dar de ombros a uma enorme tragédia. É o desprezo pelo Código Penal. É a ridicularização do regime penitenciário. É o deboche à Justiça. A pilhéria contra

a organização social. A indiferença pelo destino. Tudo num simples, mas genial pontapé. E assim, todo o filme é uma sequência de situações humanas, cômicas, pela sua natureza, e trágicas, em relação ao cómico. De tal ordem Carlitos quer ser humano, provocando o riso, sem a preocupação da comicidade, sem o falseamento das situações, que, durante a filmagem de "Luzes da Cidade", deu-nos a seguinte lição sobre o assunto: o povo e as altas autoridades reuniram-se numa praça pública para inaugurar um monumento cívico. Do grupo, em bronze, sobressaía a figura da República, representada por uma mulher que tinha os braços curvados para a frente. O monumento estava ainda vedado, por um enorme pano. Quando, ao som do hino nacional, descerraram a co

bertura, Carlitos estava deitado ao colo da República, dormindo a sono solto. Aos acordes do hino, o estrépito das palmas e o espoucar das gargalhadas, Carlitos desperta e quase não se espanta, diante da multidão e da solenidade. Apenas sorri. Neste momento da filmagem, um dos diretores fez para a câmara, e sugeriu ao genial cômico a idéia, que lhe pareceu engraçada, de aproveitar Carlitos a situação para marcar e reger os compassos do hino nacional, com o pé. Carlitos recusou a idéia, imediatamente, dizendo que, de fato, faria rir, mas denunciaria a preocupação de fazer rir, o que provocaria fatalmente o desencantamento do público, pela revelação do homem pelo cômico. Esta é, sem dúvida, uma sábia lição sobre o assunto. O cômico apenas deve sugerir a gargalhada e nunca provoca-la, diretamente. No teatro nacional, os falsos cômicos procedem em contrário a lição de Carlitos. O público às vezes ri, mas sempre os condena, à saída do teatro. Por vezes, se uma frase não consegue provocar uma gargalhada, o falso cômico repete-a em falsete. Deixa de ser humano. O público ri, mas não aprova. É justo, portanto, que se pergunte como conseguem os falsos cômicos permanecer no teatro. É fácil de responder-se, porque o falso cômico pode ser um indivíduo como outro qualquer. Ele vive exclusivamente das situações cômicas. Pode-se dizer que vive à custa dos autores. Se, durante um certo tempo da representação de uma peça, os personagens que estão em cena, se referem a outro personagem, que ainda não apareceu, e traçam-lhe um tipo engraçado, abobalhado e referem-se a manias cômicas desse personagem, a platéia já o espera, com vontade de rir. E se, por ventura, os personagens que estão em cena referem que esse outro não sabe cumprimentar a ninguém sem perguntar: “Como vai essa bizzarria?” e o já famoso

personagem aparece e pergunta: "Como vai essa bizzarria?", é inevitável a gargalhada. Entretanto, qualquer pessoa poderia entrar em cena nesse momento para fazer a pergunta fatal. E não haveria necessidade de expressões ou inflexões. A pergunta poderia ser feita assim: "Como vai essa bizzarria?", ou assim: "Como vai essa bizzarria?". O necessário é a confirmação do que haviam dito os outros personagens, a respeito do que devia entrar.

Portanto, qualquer indivíduo poderá ser cômico, ou falso cômico, segundo o talento dos autores.

As situações que exigem o legítimo cômico são aquelas em que o autor exige a contribuição pessoal do ator. Se o autor prepara uma situação apavorante, na qual o ator deve manifestar um grande medo, ou pavor, tudo dependerá do ator, que ficará em liberdade para sentir como entender e transmitir as suas emoções apenas com os recursos de sua capacidade. É o caso em que o artista teatral se encontra diante de dificuldades maiores que as dos demais artistas. O pintor, o escultor, o arquiteto, o desenhista dispõem do elemento material e da própria natureza para a sua arte. Ao passo que o artista teatral só dispõe do elemento interior e fica impossibilitado de ir buscar fora de si os recursos que se oferecem aos demais artistas. O verdadeiro cômico, é portanto, um artista autônomo. E é precisamente essa autonomia que tem feito proliferar os falsos artistas.

Outra condição exigida pelo autor ao ator é, necessariamente, cultura geral, principalmente para o teatro de idéias. Só o ator culto pode transmitir ao público a perfeita inteligência da frase, que, em teatro, é sempre sutil ou paradoxal. A mesma exigência se faz para a comicidade emocional, aquela que faz explodir

o riso e provoca a lágrima. É preciso que o ator cômico seja profundamente dramático. De todas as modalidades cômicas, há uma que dificilmente consegue ser verdadeira: é aquela que se produz pelas diversas formas de embriaguez. Há ébrios de várias espécies, conforme o temperamento, a educação, a cultura e a condição social do embriagado. São variados elementos de observação para a composição do tipo na sua interpretação. Em cada um a maneira de falar, as expressões, os gestos são diferentes, com uma segunda variação, conforme o grau da embriaguez.

Observemos a mesma frase em cada um dos casos.

Um tipo de rua: "Não sei porque, mas sinto que as casas estão passando diante de mim..."

Um estudante:

"Não sei porque, mas sinto que as casas estão passando diante de mim..."

Um professor:

"Não sei porque, etc. etc."

Um homem habituado aos salões elegantes:

"Não sei porque, etc."

Um desses ébrios que estão sempre embriagados, mesmo que ainda não tenham bebido:

"Não sei porque, etc."...

E assim por diante, até o infinito.

Portanto, sou obrigado a dizer que a arte de fazer rir, é um privilégio, um divino privilégio, se me perdoam. Mas sou fervoroso partidário do riso. O riso é higiênico, porque, ao acelerar os movimentos respiratórios, derrama pelo corpo um fluxo saudável que aumenta a elasticidade muscular e a acuidade dos sentidos. "Para viver cem anos ensina um provérbio oriental é necessário rir trinta vezes por dia". E também é moral, o riso, e é bom, porque apaga da memória as

nuvens estéreis da recordação e dá ao espírito o vigor preexcelente da esperança e da ilusão. Do riso pode afirmar-se o que do sonho escreveu Amiel:

"E um banho saudável, que devolve ao corpo e ao espírito a agilidade e o vigor".

Mas eu quero terminar gritando, como Nietzsche, que santificou o riso:

"Homens, irmãos meus e super homens aprendei a rir!"

*

**O QUE PENSO... QUANDO
NÃO TENHO EM QUE PENSAR**

*

O AMADOR

Ao Mestre GIANNI RATTO

e aos amadores do Brasil

O amador. A própria palavra o diz: é o homem que ama. Nesse verbo sublime tem ele definida sua elevada missão. Amar é entregar-se em holocausto ao objeto amado, é venerar, é defender, é engrandecer, é transferir para ele tudo de belo e de bom que existe dentro de nós. É dar o eterno no transitório. É perpetuar no rápido momento que passa, uma emoção ou uma idéia. É o milagre da criação dando ao mundo outros mundos, alma às coisas, ânimo ao inanimado. São esses os milagres do amor. Assim, quem ama a palavra, vivifica a expressão; quem ama a cor, dá relevo às sombras; quem ama a forma, modela; quem ama o som, harmoniza; quem ama o ritmo, conjuga os movimentos. O amador é o dadivoso de todas as horas, de todos os minutos, de todos os instantes. Sua missão é dar sempre e nunca receber. Só o amador realiza o perfeito platonismo. Ama sem jamais unir-se ao objeto amado. Morre de amor sem 'ter vivido o momento divino da união. Como um perfeito crente, suas preces não imploram. São oferendas d'alma, cada dia mais belas e mais exaltadoras. Plantando sementes de amor, nada colhe da seara. Seu labor é colheita para o alheio, para o que vem no seu rastro, colher na hora magnífica o fruto sazonado. Não são os que escrevem, os que propagam o amor pela leitura; não são os que pintam, os que exaltam no ser humano o deslumbramento pela ma

gia do colorido; não são os que compõem, ou que dissolvem, ou que minam o gosto pela harmonia; não são os que representam no ser humano a admiração pelo teatro. Muito ao contrário. Se a vida da arte dependesse daqueles que a praticam, ela morreria. A vida é instintiva. Porém sua conservação é obra do amor. Nascer é quase nada. Viver é quase tudo. Nascer é chegar. Viver é projetar-se no tempo, é caminhar para eternidade. Só quem ama a vida pode zelar por ela. Filhos da carne ou filhos da alma, se não encontram em redor de si o amor do semelhante, nesse elo que tudo une para a perfeição da vida, como poderá manter-se? Tudo, portanto, depende de amor. Desse obscuro e humilde operário da glória alheia que vive nas salas de concerto, nos salões de pintura, nos corredores das bibliotecas e nas plateias dos teatros. Em todo amador palpita, latente, um artista. Que seria das artes sem ele? Nada. Absolutamente nada. Terrível paradoxo é este, bem sei. Porém, nem por isso deixa de conter a verdade. Tudo é antes de tudo amorismo. Tirai o crente da presença da imagem e ela deixará de ser sagrada. Tapai os ouvidos ao som, e ele deixará de existir; fechai os olhos à tela e nada tereis diante de vós; deixai de ler, e o livro será simplesmente papel sujo; tirai a platéia e não tereis teatro. A vida da arte é um fenômeno de refração. Parte dos que a amam para os que a praticam, para incidir novamente sobre os seus fiéis amadores.

VALE A PENA VIVER?

*Para NELSON PICALHO
amigo dos bons tempos em que sonhavam
os acordados.*

Uma resposta completa daria um livro mais volumoso que "As Dores do Mundo", de Schopenhauer. Se apenas me louvasse na sabedoria alheia, poderia servir-me da conclusão do sábio alemão, que considerava inútil viver. Mas como ele, nem por isso, deu cabo da vida, conclui que o assunto é mais complexo do que parece. O homem tem três vidas; física, mental e moral, que se resumem a uma só, que é a mais moderna a quarta vida: social. Ninguém mais vive física, intelectual ou moralmente. Depois que o homem vive em sociedade é que a vida se tornou insuportável e foi só por isso que a pergunta surgiu. Desde que o Conselheiro Acácio disse que "viver é fácil, saber viver é que é difícil", ninguém conseguiu descobrir uma forma de vida ideal em sociedade. Verificada a exploração do homem pelo homem, as fases se sucedem sem fixação possível. Da escravidão, passamos à servidão, da servidão ao salariado do salário do havemos de passar para outra coisa qualquer. O fato é que ninguém mais se considera feliz. O pobre sofre de miséria e o rico de fartura. A vida há de ser sempre insuportável para todos, enquanto estiver entre estes dois parêntesis: superprodução e miséria. Os ricos já se convenceram de que não poderão aumentar suas fortunas e os pobres já sabem que nunca mais ficarão ricos... Portanto, a felicidade está muito longe da vida de hoje. E se não há felicidade não

vale a pena dizer... Todavia. .. já que é uma espécie de felicidade a esperança de melhores dias, porque o melhor da festa sempre foi esperar por ela... Nesse caso, acho que não vale a pena viver, mas como valerá um dia a pena viver, devemos esperar para viver, ou viver para esperar...

DO TEATRO

Teatro é a arte da obediência: obedecer ao autor, ao público e ao diretor.*

Nunca te esqueças de que todos os artistas se julgam gênios...

*

Para a maioria dos amadores, teatro é entrar em cena e falar baixo.

*

Quando elogiarem teu trabalho junto do autor, debes responder: "Com tão boa peça não é vantagem fazer sucesso".

*

Quando quiseres te livrar de um autor medíocre, dize-lhe: "Que peça formidável. Infelizmente não me sinto com capacidade para interpretá-la".

*

Nunca argumentes com teu diretor. Ele é o responsável pelo espetáculo. Se o contrariares, a responsabilidade do erro cairá sobre ti.

*

O Cinema tem feito uma chusma de diretores de teatro. A maioria deles como não pode mover a máquina para apanhar o ator em todos os ângulos, obrigam o pobre intérprete a andar, sem propósito, em todas as direções.

*

Nada mais cachete do que ouvir os velhos atores falarem de suas glórias.

Nunca digas a um ator que ele está mal no papel. Ele invocará uma série de razões para te provar o contrário, nem que para isso tenha que falar a vida inteira.

*

Quando tiveres que elogiar uma atriz, nunca o faças junto de outra. Assim evitarás uma inimizade.

*

Há um grande número de atores que me dão a impressão de pneumáticos em série: bons, mas todos iguais.

Pretender que os medíocres sigam nossos conselhos é mais difícil que esfregar pedra com a mão.

Se não existissem os cômicos, que seria dos outros palhaços?

*

O homem é o único animal que ri. Por isso é que os burros não gostam do teatro cômico.

Nada mais ridículo do que pretendermos fugir à condição humana. Aciso, por exemplo.

*

Se este mundo é um vale de lágrimas, como são milagrosos os cômicos.

*

Se a humanidade fosse feliz, os cômicos e os humoristas seriam inúteis.

*

Os sábios trabalham para a saúde do corpo. Os cômicos para a saúde da alma, inclusive dos próprios sábios.

Deus me livre dos gênios domésticos, das celebridades temporárias e das notabilidades de bairro.

*

Charles Chaplin: uma tangente de Molière.

*

Teatro é inflexão. Todo o resto é enfeite.

*

Há artistas que sendo "alguém" na sua geração, passam a ser ninguém depois que ela morre.

*

Imitação é tiro pela culatra.

*

Há peças que nem os próprios autores as entendem.

*

O artista não educa o público. Este é que educa o artista. Arte é reflexo.

Os problemas do teatro só se resolvem no palco. Não se pode diagnosticar longe do paciente.

*

Quando não puderes externar tua opinião sobre o trabalho ruim de um colega, diz-lhe simplesmente: "Tens muita personalidade. Esse papel morrerá contigo".*

Quem pede opinião sobre seu trabalho não é para receber conselhos, é para merecer elogios.

*

Um teatro vazio dá-me a impressão de que a vida foi ontem.

Ideal? Sim. Quando possuimos recursos para sacrificá-las em favor do sonho.

*

Penso como Carolina Maria de Jesus: "A realidade é mais bela do que o sonho".

*

Quando entrei para o teatro julguei poder pensar com a minha cabeça. O público obrigou-me a pensar com a cabeça dele. Passei a ser um escravo da multidão. Várias vezes tentei reagir. Foi inútil. Sua força invencível causou-me enormes prejuízos. Para alcançar a liberdade que hoje desfruto tive que ser o mais humilde dos escravos.

*

James Joyce, Pirandello, Giraudoux e tantos outros, são produtos que não se vendem facilmente. Obra para a colecionadores.

*

A lógica não pode ser encontrada nem no absurdo nem na maluquice.

*

Originalidade é personalidade.

*

Os medíocres julgam que agindo ao contrário, estão criando coisas novas.

*

A primeira coisa a fazer, ao organizarmos uma companhia, é saber para que público iremos representar.

*

Todo autor novo tem a ilusão de que escreveu a melhor peça do mundo.

O autor antes da estreia: "A peça não vale nada. Só o seu talento poderá salvá-la. Confio em você". De pois da estreia: "A peça não foi interpretada como dev eria. Se fosse, o sucesso teria sido maior".

Embora tenha alcançado grande sucesso, a retirada da peça do cartaz é, para o autor, uma espécie de morte de parente querido.

*

É frase feita na boca do povo de que os artistas, na sua boêmia desenfreada, não cuidam do futuro. Mas sabe ele que o teatro é um jogo perigosíssimo. É um a roleta. Às vezes, com uma ficha ganha-se uma fortuna em dois segundos; outras, nesses mesmos dois segundos, perde-se tudo. Na ânsia da recuperação vamos arriscando sempre. Cada peça é um lance. Bastam dois lances contra, para pôr por terra a mais sólida das empresas.

*

A comicidade é tão difícil de ser encontrada quanto uma grama de rádio. A Grécia só deu um Aristófanes.

*

Crítico (pelo menos no Brasil) é o sujeito que quer ensinar cachorro a latir.

Escrever para os defeitos de um artista é mais difícil do que escrever para suas qualidades. As qualidades defendem-se por si mesmas. Os defeitos têm de ser defendidos pelos dois: autor e intérprete.

MANEQUINHO CHUPAÔVO

Para

*FOLCO MASUCCI,
afetosamente.*



Manequinho Chupaôvo é hoje a maior figura do Teatro Brasileiro. Manequinho é onisciente e onipotente. Manequinho está em tudo: na crítica, no texto, no palco. Tanto pode ser o crítico B como o autor X ou o improvisado diretor H. Manequinho é o Messias da arte. Veio ao mundo para salvá-la. Na crítica Manequinho exalta o fracasso e derrota o êxito, no texto Manequinho substitui a taça pelo penico e na direção de Manequinho obriga o intérprete a girar como a câmara cinematográfica. Nas mãos de Manequinho o ato é a máquina, porque Manequinho quer no palco os ângulos que o cinema apresenta. Manequinho procura o êxito mas não pelos caminhos normais que a ele conduzem. Segue outros caminhos pensando ter descoberto novos rumos. Porque Manequinho é um privilegiado. Foi ele quem descobriu Shakespeare e Molière e deu a mão a Pirandello. Hoje por causa de Manequinho, todos sabem quem foi Pirandello, Shakespeare e Molière. Manequinho criou cenários originais, fechando e abrindo portas que não existem. Levou para o palco o palavirão como novidade e criou uma iluminação *suigeneris*. Onde bate o sol não há luz. Onde deve haver sombra o sol aparece. Criações! Inovações!

Manequinho é muito elogiado pela crítica porque Manequinho é a própria crítica. Manequinho sonha, cria e prossegue feliz na sua campanha de um novo mundo cênico. Manequinho gasta o seu dinheiro, gasta o dinheiro alheio e quando não há mais dinheiro, Ma

nequinho se volta contra o público que ele passa, desde esse dia, a considerar uma besta. A "entourage" de Manequinho segue-lhe as opiniões. Manequinho apela para a "entourage" para tentar o último golpe de regeneração do público, mas a "entourage" a essa altura, lamenta mas não financia. Manequinho se desespera, grita, berra, explode e sucumbe sob o peso da própria imbecilidade. Tudo o que Manequinho fez foi maravilhoso mas ninguém tomou conhecimento. Mas, como Manequinho é milagroso, reaparece aqui e ali experimentando sempre. Quanto mais Manequinhos morrem mais Manequinhos surgem. Manequinho não acredita na experiência alheia, porque ele está criando uma experiência que poderá servir para os Manequinhos de amanhã. Manequinho não sabe de onde veio, onde está, nem para onde deve caminhar. Ele é uma "coisa" que caiu aqui. Como todo gênio Manequinho é muito confuso. Tão confuso que não se sabe bem se ele é homem ou mulher.. Sabemos que Manequinho tem tudo o que deseja. É diretor do Serviço Nacional do Teatro, é diretor da Comissão Estadual de Teatro e figura em todas as comissões incumbidas de resolver os problemas da arte nacional. Manequinho manda, domina, resolve. Sem a opinião de Manequinho nada se faz. O Governo só confia em Manequinho porque Manequinho é sócia mental do Governo. Manequinho não discute, age. Dá por paus e por pedras, escangalha tudo, rebenta tudo e todos acham muito bem porque todos os que o rodeiam são Manequinhos.

A SITUAÇÃO DO ARTISTA NA ATUAL CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Os grandes Homens

O prestígio dos cargos

O político e o artista

O cabotino Bernard Shaw

A hora de dizer as verdades

Para

THEREZINHA

e

FULVIO DEL PICCHIA,

a quem quero tanto bem.

As graves responsabilidades que emudeceram os grandes homens, não são, certamente, as que dizem de perto com os destinos do país, mas as que interessam intimamente a estabilidade pessoal de cada um. A não ser os segredos diplomáticos, que estão sendo acertadamente abolidos, não pode haver segredos entre o povo e o governo, desde que o governo apenas representa a vontade do povo. Nada impede que se diga a verdade. É na verdade que está hoje em dia a felicidade dos povos. Logo não há graves responsabilidades a emudecer os homens; há apenas homens mudos, que têm em desconhecer os sinais que formam a linguagem dos que não falam... E depois, há as grandes verdades, que já foram reveladas e que nunca mais poderão ser escondidas. Os grandes homens têm sempre o que dizer aos pequenos. Bergson, o genial judeu, observa que a humanidade deve toda sorte de influências benéficas à “inspiração super intelectual e soberana de homens que afirmam o que ninguém havia dito antes, e fazem o que ainda não foi feito”. Destarte, se os grandes homens se abstêm de falar, os pequenos ficarão desorientados e passarão a dizer, como eu, as coisas mais disparatadas e sem nexos. Quem diz as verdades, simples como todas são, é como os paranoicos que andam pelas ruas falando sozinhos. O convencionalismo complicou a vida, mudou o sentido do verbo, de forma que ninguém se entende senão o por meio dos códigos inventados pelos grandes interesses. Houve um velhinho na Inglaterra,

que por dizer as coisas como elas são, fez inimigos em todo o mundo. Por isso não querem que ele seja um gênio, senão para chamá-lo de genial palhaço ou cabotino, conforme o grau de respeito. É a "revanche" do medíocre... Aí está porque às vezes dou razão aos grandes homens que não falam. As verdades, no Brasil são duras demais para serem ditas sem o perigo de uma "revanche" como aquela de que falei. Aqui, por exemplo, o prestígio dos homens não está no seu próprio valor, mas decorre dos cargos que ocupam. São valores funcionais. O Brasil é o país dos cargos. Todos anseiam um cargo para o gozo das prerrogativas a que se julgam com direito. Um grande médico vale menos do que o diretor da Saúde Pública. Um grande jornalista menos do que o diretor da Imprensa Nacional. Um grande escultor menos do que o diretor da Escola de Belas Artes. Um grande escritor menos do que o Ministro da Educação. Um grande ator menos do que o chefe da Repartição de Censura Teatral. Há alguns anos a Academia Brasileira entrou em crise porque descobriu entre os poetas que bateram à sua porta, a figura de um Ministro. São esses exemplos que estimulam os homens no Brasil. Se fosse possível, o nosso vasto território seria uma imensa repartição pública. Só há um ideal: mandar. E só manda quem pertence aos quadros do Governo. Os funcionários públicos acham que são os donos de Brasil. Pois até os guardas civis acham que podem mandar na gente. Não basta cumprir a lei; é preciso obedecer aos caprichos dos funcionários. Há também os políticos que são os "donos da casa" e aproveitadores da ânsia de pertencer aos quadros do governo. Na hora das eleições os políticos declaram aos jornais que vão alistar. Alistar é prometer empregos aos desocupados e promoções aos insatisfeitos, para conseguir um bom cargo. E isto que

do nós, de boa-fé, pensamos que a lei formaria um eleitorado consciente, que se agrupasse para escolher os valores representativos. Mas não. Antes do eleitorado, surgiram os candidatos: E que candidatos! Os mesmos políticos profissionais que morreriam na obscuridade, se dela não tivessem saído para pedinc har votos a um eleitorado que nunca teve a liberdade de escolher. Sim, porque se eu quiser votar num grande médico, num engenheiro, ou num grande jurista, o meu voto nem aparecerá nas listas de apuração, porque se perdera-nos "outros menos votados". Se um grupo de eleitores bem intencionados convidar uma notabilidade para representá-lo, é certo que não será atendido porque no Brasil ninguém troca os rendimentos de uma boa banca de advocacia ou de um grande consultório, pelo subsídio de um "posto de sacrifícios"... Só vão para as assembleias os que montam escritórios para atender aos "amigos". E são desses escritórios que surgem os homens de prestígio. Prestígio que varia conforme o número de carteiras eleitorais fornecidas. E os artistas, pelo apuro de seu próprio valor, não podem apelar para esses processos. Daí a posição de inferioridade em que vivem. São inúteis porque não servem aos interesses pessoais dos políticos e porque apenas trabalham pela cultura do povo, coisa que absolutamente não pode interessar a eles, porque não está prevista nos regulamentos. O prestígio do artista que consegue atrair multidões todas as noites para o seu teatro, onde se incute no espírito do público a boa moral e a cultura geral, não chega nem para obter uma audiência ministerial, que muitas vezes pode ser facilitada pelo último servente do ministério... Os homens públicos que se deliciam nos espetáculos, acham inferior a arte de representar e chamam os atores de "comediantes" num sen

tido pejorativo, como se eles ainda fossem os antigos cômicos dos "pátios de comédia"... Entretanto, os artistas do Brasil, desamparados, conseguiram vencer, triunfar no meio semiculto em que vivem, e os homens públicos fracassaram! Observe-se como os artistas do pincel, do buril, da pena, da ribalta, estão distanciados dos políticos, que ainda não conseguiram colocar o país na situação que lhe compete pelo grau de adiantamento dos seus verdadeiros valores. Note-se que eu falo de um modo geral, contemplando o panorama republicano 1889-1964. Para os nossos dirigentes, durante este longo período de 75 anos, artista quer dizer fútil, fantasista, insensato, avesso às realidades com que se faz governo. Manoel Bonfim, que dedicou a melhor parte de sua vida ao estudo da mentalidade e dessa gente, achava que, muito logicamente, nenhum dirigente, circunspecto e medido, iria chamar um poeta para diretor de um banco, presidente de conselho ou chefe de partido. São responsabilidades que a própria frivolidade da poesia rejeita. Práticos e seduzidos pelo êxito, como são os Ingleses e Norte-americanos, esquecem ou abandonam a memória dos seus presidentes de bancos e relatores de orçamento; ao passo que religiosamente conservam a lembrança dos Shakespeare, Milton, Coleridge, Byron, Longfellow, Edgar Poe, Withman... E nós? Quanto devemos a nossa nacionalidade aos nossos artistas? Cada um dos nossos primeiros líricos deu o melhor de sua alma ao amor da terra mãe e das suas tradições. Os versos e a prosa são verdadeiras lições. Os políticos nunca inspiraram o amor da pátria, entretanto, as gerações anteriores tiveram o berço embalado pela poesia de "Nosso céu tem mais estrelas nossas várzeas têm mais flores, nossos bosques têm mais vida, nossa vida mais amores"!... Castro Alves foi um grande abolicionista.

O poeta da raça negra fez mais pelos escravos do que os falsos partidários da abolição. E João Caetano? A memória do genial ator vem passando de geração em geração, ao passo que ninguém mais se lembra de Pinheiro Machado, desaparecido para sempre, há menos de 50 anos.

E chega, porque, nesta ordem de idéias, será fácil cair numa esparrela. Já sei que no meu Brasil as leis protegem a liberdade de pensamento, mas não ignoro que nessa liberdade, sendo embora um direito proclamado para todos os indivíduos, é um fato que esse direito só existe para aqueles cujas opiniões não são desagradáveis às classes dominantes. Atravessamos uma quadra revolucionária, em que a maioria não se conforma com a dominação da minoria. Assim, tudo o que a maioria pensar constituirá um perigo para a minoria. Só há um remédio, urgente e necessário: educar o povo. "Somos cerca de 80 milhões de habitantes a trabalhar, e não fazemos mais do que fariam oito ou dez milhões bem orientados e preparados". Somos ignorantes e analfabetos, uns mais na lavoura, outros menos, na política. E quando o nosso povo estiver libertado pela instrução, pela cultura política, social, moral, técnica e mental, os artistas terão o lugar que lhes cabe na escala dos valores reais, que está por enquanto, virada de cabeça para baixo...

DAS COMIDAS

Para a minha querida

MYRTHES PARANHOS

relicário de amor.

Tenho observado que os pobres sabem comer melhor do que os ricos. Os que lhes falta, às vezes, é oportunidade.

*

"Parece comidinha de casa". Este é o maior elogio que se pode fazer à comida de restaurante.

*

No Brasil, os restaurantes matam mais gente do que a pneumonia.

*

A única coisa que eu gosto do Strogonoff é o nome.

Se queres ter bom estômago, toma cachaça como aperitivo, come giló e exige bom azeite e bom vinho.

*

À mesa deves estar sempre com muita atenção para não comeres o guardanapo em lugar do bife.

*

Ao saíres da mesa nunca tragas os talheres, a não ser que eles sejam de prata.

*

Beringela é giló que sofre de gigantismo.

*

Palmito dá-me a impressão de água morna em tabletes.

Uísque é cachaça falando inglês.

*

Sempre tive a impressão de que comida de "Boite" leva água de colônia.

*

Quem toma vinho tinto gelado é capaz de mandar esquentar sorvete.*

Quem sai da mesa com palito na boca parece dizer: "Comi como um burro".

*

Em geral a cerimônia tira o apetite.

*

Previnam-se contra as pessoas que dizem que "comer é um ato muito material".

*

Comer é um estado d'alma.

*

Noventa e nove por cento dos cozinheiros não sabe fazer bife.

*

Quem bebe uísque como aperitivo não sabe beber.

*

Feijoada com galinha é o mesmo que "smoking com calca branca.

*

Certa vez, num dos melhores restaurantes de uma cidade do interior, serviram-se talharim com peti t-pois e dois ovos estrelados.

*

Comer frango com talher é pedantismo.

Quem corta macarrão com faca é capaz de tudo.

*

Uma refeição com "Coca-Cola" é o mesmo que dormir de sapatos.

*

Há pessoas tão chatas à mesa, piores do que melancia com vinho.

*

O queijo devesse comer no princípio ou no fim?

*

Quando verificares que tua comida não chega para todos os convidados, empurra-lhes salgadinho e pão de forma,

*

Pão de fôrma é miolo com fita durex.

*

Há restaurantes que ainda servem batatas fritas no dia da Proclamação da República.

*

Há pescas que se inclinam tanto sobre o prato que parecem cavalos na manjedoura.

Manga só se deve servir em fatias. Do contrário não se serve.

*

A melhor maneira de chupar manga é no banheiro.

*

A melhor maneira de evitar um assalto em massa, é a dona da casa servir seus convidados.

Os homens que se sentam nos restaurantes ao lado das mulheres, ou os que as colocam de cara para a parede, provam que não tem nenhuma confiança nelas.

*

Barra do Piraí Restaurante. Entro. Consulto o cardápio.

Traga frios.

O garçom se afasta. Puxo um cigarro. Passo os olhos pelo jornal. O garçom volta com um prato. Afasta-se novamente.

Cansado de esperar reclamo o meu pedido.

Está aí.

Eu pedi frios.

Pois estão aí.

Isto é alface, tomate e agrião...

Pois é. Está tudo frio. Veja como está tudo geladinho, geladinho...

*

O PAI NOSSO DO GOVERNADOR

DR.CID SAMPAIO

Governador CID que estais em Palácio,
Cheia de êxito, seja vossa administração,
Venha à nós melhores dias de vida,
Seja feito o bem estar dos Pernambucanos.
Assim na Venda como no Açougue.

O pão nosso, não suba mais de preço,
nos daí hoje, apoio contra os exploradores,

Perdoai a quem não lhe deu voto,
Assim como nós perdoamos os caloteiros,
Não deixeis cair no abismo,
Livrai-nos dos Tubarões, para sempre.

Amem.

Francisco Esteves Dinis

(DUTRA)

Garção do Restaurant Leite

RECIFE

*

Original cardápio do meu Garção Luiz Gonzaga Alves, da cidade de São Sebastião do Paraíso (Hotel Orsini).

Sopa de fubá: Creme de milho

Sopa de legumes: Sopa de Vitaminas e sais minerais.

Sopa de Palmito: Creme de aspargos

Arroz de Forno: Arroz com cisca e pia.

Arroz em cores: Arroz em cinemascope em 4faixas

Arroz de Braga: Arroz com complexo B12.

Bife à milanesa: Bife de guardapó.

Bife a cavalo: Bife a Craveiro Lopes

Feijão simples: Frango depenado a vara.

Tutu de feijão: Feijão melhorado com calorias

Vagem: Embalagem de feijão

Verdura afogada: Macumbira na manteiga

Repolho: Espinafre Português

Quiabos Aspargo Napolitano

Carne de Porco: Ronca e fuca.

Ovos: Produto espontâneo da galinha.

Café: Lamento negro passado na hora, de uma mesa para outra.

SÔBRE VÁRIOS ASSUNTOS

A humanidade com quem convivi no palco durante e quarenta e seis anos, fez-me conhecer a que vive fora dele. Uma descobriu a outra. O que a vida nos oculta, o palco nos revela. Por isso os atores, em geral, não acreditam em nada. Riem da falsa gravidade dos homens porque conhecem a origem de suas fraquezas e o esforço inútil para fingirem o que não são.

*

Com honrosas exceções, a maioria dos homens de governo, no Brasil, é um conglomerado de ignorantes alfabetizados. Quando muito, conhecem as leis. Não o para as aplicar em benefício da Nação, mas para as burlarem em benefício próprio.

*

A tristeza é um momento de espera.

*

Viver é conservar a alegria infantil.

*

A velhice não existe. Existe a morte.

Inteligência sem memória é como uma águia sem asas.

*

Diálogo entre dois deputados:

Eu defendo o dinheiro!

Eu defendo a honra!
É natural. Cada um defende aquilo de que precisa.

*

Que são paixões políticas? Conflitos entre os que avançam e os que não podem avançar.

*

A alegria vive dentro de nós. Aprendamos a despertá-la.

*

Uma das maiores vitórias do homem é quando ele consegue desprezar sem rancor.

*

Nem só o corpo estica com a morte. Às vezes o nome também.

*

A maioria das glórias são necrófilas: só acariciam o ídolo depois de morto.

*

Enquanto pensamos superar a obra alheia, deixamos de realizar a nossa.

*

Ceder é vencer.
O homem é tão covarde não tem coragem de ser

*

Do grande Poeta Freire Ribeiro

Você já reparou que o Getúlio é o único defunto que está enterrando os seus coveiros?

No Brasil falar de arte aos homens do Governo é o mesmo que mostrar uma cruz ao Diabo.

*

Alguém me disse certa vez: "Mau gosto esse do Álvaro Moreira colecionar burros".

Não pode fazer outra coisa respondi.

Como assim?

Um homem inteligente, no Brasil, só pode colecionar burros. Além de baratos, nem o transporte se paga. E muitos vêm espontaneamente ao nosso encontro

*

Que é um juiz de menores?

Um cidadão pago pelo povo para perseguir as crianças que têm pais, proibindo as de se divertirem nos teatros onde há mais moral do que nos filmes de "gangsters". Essas crianças bem alimentadas e bem vestidas são impedidas de tudo, enquanto as crianças miseráveis andam pelas ruas, famintas e esfarrapadas, mendigando um pedaço de pão. Com essas o Juiz de menores não se preocupa. A que conclusão devemos chegar? Que o Juizado de Menores não obedece ao princípio de defesa da criança, mas ao princípio de sua própria defesa.

*

A criança brasileira habituada a assistir filmes de "gangsters" só tem um ideal: dar tiros e matar. O Juiz vê tudo isso e não toma providências. Daí a consequência trágica de assistirmos ao crescimento de uma geração educada na escola do crime.

*

Um dia, na cidade do Rio Grande, entrei em um bazar. Notei que entre tantos brinquedos não havia

roupas de "cowboy" nem revólveres. Indaguei do dono do estabelecimento se as crianças daquela cidade não gostavam de brincar de bandido.

Gostam, sim senhor. Mas eu não quero carregar o remorso de concorrer para a corrupção dos caracteres infantis. Se o Governo e o Juizado de Menores não tomam providências, tomo-as eu.

*

Juiz: Homem convencido de que é Deus.

*

Quando tua amante te sugerir uma loção para teus primeiros cabelos brancos, trata logo de substituí-la.

*

Se o amor tivesse explicação, a humanidade a maria por fórmulas.

*

Insistir pelo amor de quem já não nos ama é tão inútil como pedir estrelas a uma melancia.

*

O amor independe de tudo.

*

O amor é como o sol. Vem ou não vem. É inútil implorá-lo.

*

A mulher é um mal necessário.

*

Guarda-chuva é como uma sogra ruim: a gente atura por necessidade.

DOS CÃES

A virtude não podendo se fazer homem fesse cão.

VICTOR HUGO

Aos meus adorados cãezinhos e aos homens que se julgam superiores... a eles.

O melhor dos homens não vale o pior dos cães, se é que possa haver cães ruins, o que eu duvido.

*

O cão só é inferior ao homem no tamanho. Mas como tamanho não é documento...

Em certa época, no Rio de Janeiro, foi iniciada uma campanha em favor dos cães. Em vários pontos da cidade, grandes cartazes pediam atenção para estes animais. Desde a vacinação contra a rixa até o cuidado de não abandoná-los na via pública, onde ficam sujeitos à perversidade de muita gente e à possibilidade de atropelamentos. Iniciativas como esta, mais do que a proteção aos cães, nobilitam o homem, dão-lhe tal dignidade que nos leva a crer, por vezes, que o ser humano ainda pode, um dia, vir a ser quase tão grande como o cão. O cão é a obra prima da natureza. Nenhum ser se lhe iguala em bondade, em carinho, em altruísmo, e em gratidão e fidelidade. O cão é perfeito. É o que de melhor já apareceu sobre a face da terra. Os gênios, os Poetas e os Santos não se cansam de proclamar as inúmeras qualidades. São Tomás de Aquino afirma que o cão tem alma. Não uma alma como a dos homens, por que se assim fosse ele não seria o ser maravilhoso que é. A diferença é esta: o homem vive pela imaginação; o cão vive pelo instinto. A imaginação leva o homem aos maiores absurdos, aos maiores

desatinos, às maiores perversidades. Pela imaginação o homem come demais, bebe demais, ama fora de época, ambiciona desmedidamente, deixasse levar por caminhos tão errados até chegar à criação dessa arma estúpida que é a bomba atômica. A imaginação é que infelicitava o homem. E é tão inútil essa capacidade de inventar coisas que o homem por maior que a possua não consegue se livrar dos imperativos do instinto. Com toda a imaginação o homem, para viver, não pode deixar de comer, dormir e amar. Na questão da higiene o cão ainda lhe leva a palma. Um cão bem lavado, só daí a três dias é que começa a cheirar a cachorro. O homem com todos os perfumes e desodorantes, no fim de um dia de agitação, já cheira a catinga de sabiá. O cão não vai ao dentista nem escova os dentes e, no entanto, sua dentadura é limpíssima como se ele usasse o melhor dos dentifrícios. Ah! Mas o cão tem pulgas. Sim, tem pulgas e os homens também não as têm? Quantas vezes somos surpreendidos por outros insetos repugnantes que se instalam no nosso leito. Com o cão tal não acontece. Onde o cão dorme e esses bichinhos não aparecem. Eu, a quem Deus concedeu a graça de conviver com os cães, tenho observado fatos extraordinários. Por exemplo: colocai uma coleira de brilhantes ao pescoço de um cão e ele se sentirá mal. No entanto se colocarmos uma condecoração ao pescoço de um homem, ele se tornará mais vaidoso. Outro defeito do homem: falar sem motivo. Falar por falar. O cão é diferente, só late quando há realmente motivo para fazê-lo. Quanto à inteligência basta dizer que o cão nos compreende e nós não o compreendemos. Sei que há pessoas que preferem os gatos. Mas, que é o gato? O gato é um animal estúpido e ingrato. O gato é interesseiro, egoísta, amigo "do conforto, secreto com o homem" ; o cão é franco,

bonacheirão e alegre, desinteressado e leal. "O gato pratica misteriosamente o amor como uma coisa ilícita que é por ser nele extramatrimonial. O cão pratica-o de spojadamente, alegremente, sem a consciência do mal, na impudica inocência das almas primitivas". O gato não é tímido, é covarde. Só luta e se defende quando não pode fugir mas quando se julga seguro ataca traiçoeiramente o cão. Na minha longa convivência com os cães e nas minhas relações cerimoniais com os gatos, nunca vi um cão atacar um gato, pertencente ao mesmo dono. Às vezes são amigos. Quando o não são, o cão trata o gato com fria cortesia, como em sociedade dois homens bem educados que se detestam. Quanto à estupidez do gato, este episódio que lhes vou contar é típico. Conheci um gato, preguiçoso como todos os gatos. Nunca tinha apanhado sequer um camundongo. Um dia ele estava dormitando à janela. Passou perto um passarinho voando. E o gato, não sei por que instinto primitivo de sua natureza felina, deu um salto para o passarinho que voava. É claro que foi cair na calçada sem o pássaro e semimorto. Faleceu minutos depois sem ter tido tempo de se arrepender nem da sua longa preguiça nem do seu inoportuno esforço".

"Mas, voltando aos cães. Há inúmeras raças de cães, os chamados de Boa estirpe. Cães com "pedigree". Cães pertencentes a certas dinastias como os reis e os príncipes, cujos casamentos consanguíneos vão debilitando a espécie até torná-los imbecis, e há os cães plebeus, os vira-latas que, tendo abandonado suas famílias para fugirem a certos preconceitos, acabaram constituindo essa imensa multidão de espírito absolutamente democrático para quem tudo está bem desde que haja liberdade. Os vira-latas são em geral inteligentíssimos. Habitados a ganhar a vida com o suor do seu rosto, são

espertos, matreiros, ladinos. Os vira-latas são como os g arotos de rua, cheios de expedientes e vivendo deles".

Em Santo Tirso colhi este curioso episódio que, pelo seu pitoresco, vale a pena transcrever:

"Um dia um diplomata estrangeiro em Lisboa, quando estava compondo um despacho ponderoso e inútil, viu com surpresa entrar-lhe no gabinete um tropel a cuja frente se achava um cãozinho amarelo, que não era de raça nem de estimação, e atrás o escudeiro, dois lacaios, a criada dos quartos e o guarda portão. O cão agachou-se-lhe aos pés agitando o rabo em tom suplicante e a criada formou um semicírculo respeitoso. O diplomata, com o espírito inquisitivo da sua profissão, perguntou o que motivara aquela violação do sagrado recinto onde habitualmente se jogava a sorte dos Estados. O guarda portão explicou que passava na rua a carroça municipal de apanhar cães vadios. Ao vê-la, o rafeiro tratou de se escapulir; os funcionários da carroça prosseguiram-no; mas um cão geralmente corre mais que um funcionário, e este, vendo aberta a porta da legação enfiou por ela a dentro sem que lhe pudesse impedir o funcionário diplomático encarregado de a guardar. Subiu a galope a larga escadaria, segundo inutilmente por quantos criados encontrou no caminho, e só parou aos pés do embaixador atônito. Este, cioso dos seus privilégios diplomáticos, estendeu ao fugitivo o direito de asilo. Mais tarde adotou-o e deu-lhe uma coleira. O cão foi sempre dedicado e grato, coisa que não sucederia se ele fosse uma pessoa. Só uma coisa o diplomata nunca obteve dele foi que o acompanhasse à rua. Seguiu-o até à porta, dava o rabo e voltava para cima. Passeava no jardim. Mas nunca mais se aventurou fora de casa, onde há carroças e funcionários municipais que apanham os cães para os matarem.

Quero crer que este rafeiro conhecia, como qualquer gaiato de Lisboa, as imunidades diplomáticas e o princípio da exterritorialidade garantido pelo Congresso de Viena. E passou a ser a pessoa mais inteligente do pessoal da embaixada e chegou a ladrar em francês, e seduziu no jardim uma "griffone" de excelente família, elegante e estúpida, pertencente a outra legação. Não conseguiu perder a imoralidade das ruas".

*

O nosso saudoso Roberto Gomes, alma cheia de doçura, de bondade canina, assim se refere a estes nossos leais amigos:

"Ter cachorros, como fazem muitos, para admirar a elegância de seu corpo, orgulhar-se com sua genealogia, enfeitá-los com paletós, lenços, botinas, óculos pois na Europa os cães acostumados a andar de automóvel já usam óculos aproveitar suas qualidades para a caça ou a guarda de nossa casa, isto não é amar, nunca foi amar! É apenas tirar proveito dos animais para satisfação do nosso egoísmo ou da nossa vaidade.

Amá-los é conviver com eles, interessar-se pelos mil incidentes miúdos de sua vida de cachorros, tratá-los como nossos irmãos mais moços, mais fracos, portanto mais dignos de piedade, inclinar-se sobre sua pequena alma, sua pequena alma. Já não vivemos na época dos Cartesianos e ninguém põe hoje em dúvida, suponho, a existência da alma canina. São Tomás de Aquino já concedia aos animais uma alma imaterial; negava-lhes apenas a imortalidade. É há tanta bondade numa pequena alma de cão! Há neles uma tal ternura, uma confiança tão ingênua, um esforço tão ardente para nos compreender! Entregam-se tão completa, tão exclusivamente a nós! Parece em dizer-nos: "Sim. Eu bem sei. Sou pobre

criatura fraca e tu foste a princípio meu inimigo. Entrando tanto, não te quero mal. Amote. Mais ainda: abandonando as florestas selvagens, venho morar contigo nas cidades barulhentas. És meu senhor, meu Deus. Ser-ei o mais fiel dos teus criados, amar-te-ei com todas as forças da minha minúscula alma de cachorro. Amar-te-ei, como recomenda o sr. Bouget, sem te julgar porque o dia em que começamos a julgar o ente querido já marca o início do fim do nosso amor. Mas não te julgarei nunca. Não te pedirei satisfação pelas tuas injustiças. Dou-te todo o meu afeto, meu corpo, minha alma e, em troca, só te peço algumas migalhas de pão e um pouco de amor. Por ti vou trair meus irmãos animais. Repudio-os e assino contigo um tratado de aliança. Fico ao teu lado. Se fores atacado por um deles, defender-te-ei cegamente sem fugir, sem me deixar corromper e, se for preciso, saberei por ti"

.

São promessas estas que os homens também fazem às vezes. Fazem-nas mas são os cachorros que as cumprem.

Uma dessas manhãs sombrias e chuvosas do nosso inverno, dispunha-me a sair. Sentado à mesa de trabalho, escrevia uns cartões antes de partir, quando Bouf, meu cachorro, se aproximou de mim, pôs delicadamente sua patinha sobre meus joelhos e, fitando-me profundamente com seus olhos graves e ternos, disse-me: "Por que saíres? Para que? Não te achas bem em minha companhia neste quarto solitário e silencioso, fechado ao borbulhar do mundo? Queres sair? Entrar na fornalha ardente da existência, fazer lá fora, até o momento da morte, os mesmos gestos ridículos e monótonos que fazem os outros homens! Gastar e em coisas fúteis o tempo precioso que poderias aproveitar no retiro e na meditação. Em vez de contemplares a vida de

longe, como do alto os rochedos contemplam os rebanhos de ondas espumantes, tomarás parte nas agitações humanas e chegarás pelo caminho inevitável das paixões. Lá fora, quem te saberá amar como te amo?"

Os homens não dão a sua alma, emprestam-na somente; e construir sobre um coração humano é edificar um frágil castelo sobre a areia movediça das praias!

Vai entretanto viver, desejar e sofrer. agita-te em companhia dos outros homens, como pobres pequenas sombras débeis que fazem no crepúsculo gestos tímidos e indecisos! Vive intensamente, vive, desperdiça os presentes que te deu a natureza e gasta em ocas palavras os tesouros silenciosos que toda alma possui. Pois achas que isto é viver! Porém, mais tarde, ao crepúsculo do dia, ao crepúsculo da vida, quando tiveres os cabelos brancos, ou que não tiveres mais cabelos, quando todas as tuas afeições se tendo partido, ficares bem como penetrado da fragilidade de tudo quanto é terrestre e que teus braços recaírem cansados por terem abraçado tantas coisas vãs e fugidias, quando a vida impiedosa, essa vida que, tanto para os cachorros como para os homens, é tão doce e tão cruel ao mesmo tempo, tiver deixado na tua boca aquele gosto amargo de cinzas de que fala a Escritura, quando tua fronte se curvar sob o peso de todo o seu passado, de tuas tristezas, de tuas saudades, de tudo quanto se foi para não mais voltar, então o meu senhor, cansado, velho, curvado, entrarás no jardim da tua casa abandonada, percorrerás as alamedas desertas, tapetadas de folhas secas, de flores murchas, como teu espírito, juncado de ilusões perdidas e felicidades mortas, abrirás a porta da casa silenciosa, e tu me encontrarás então fielmente, no mesmo lugar, tendo por ti o mesmo amor seguro, firme, inabalável, esse amor que o Cântico dos Cânticos proclama "forte

como a morte". E não falaremos. Para que falar? Mas encostarás tua cabeça no meu peito e, desiludido dos homens, tu te consolarás com os cachorros".

Peço-vos permissão para inserir aqui esta página de Maeterlinck, porque além de tudo, é bela e nem é muito conhecida!

MAETERLINCK

"O homem ama o cão, porém ele o amaria ainda mais se considerasse, no conjunto inflexível das leis da Natureza, a exceção única que vem a ser este amor. Estamos sós, completamente sós neste planeta de acaso, e entre todas as formas da vida que nos cercam, nenhuma, salvo o cachorro, aliou-se a nós. Alguns seres nos temem, a maior parte nos ignora, nenhum nos ama. No mundo das plantas, temos escravas mudas e imóveis que nos servem contra a sua vontade. Entre os animais, contamos alguns servos que se submeteram apenas por indiferença, covardia ou estupidez. Mas não nos amam, não nos conhecem, ignoram nossa vida, nossa morte, nossa partida, nossa volta, nossa alegria nossa tristeza, nosso sorriso. Há uns milhares de anos que estão ao nosso lado, tão estranhos aos nossos pensamentos, ao nosso afeto, aos nossos costumes, como se a menos fraternal das estrelas os tivesse deixado cair ontem sobre o nosso globo. Ora, nessa indiferença, nesta incompreensão total em que fica tudo que nos cerca, neste mundo incomunicável onde todo destino fica circunscrito em si, onde as únicas relações entre as criaturas são as de carrascos para as vítimas, um animal, um único animal, o cão, chegou a romper o círculo fatídico, a atravessar indefinidamente a enorme zona de trevas, gelo e silêncio que isola cada categoria de

existências no plano ininteligível da natureza, executando assim um dos atos mais insólitos e inverossímeis que se possam encontrar na história geral da vida.

Não temos que adquirir sua confiança, nem sua amizade; já nasce nosso amigo. E a palavra AMIGO não exprime exatamente seu culto afetivo. Ele nos ama e nos venera como se o tivéssemos tirado do nada. É nosso escravo íntimo e apaixonado, em quem nada altera a fé ardente, nem o amor. Para melhor nos servir, para melhor se adaptar às nossas múltiplas necessidades, tomou todas formas, soube variar ao infinito as suas faculdades. Tem de nos auxiliar perseguindo a caça nas planícies? Seu focinho, suas patas se alongam, seus pulmões se alargam, torna-se mais rápido que o veado. Queremos que conduza nossos rebanhos? O mesmo gênio complacente lhe consegue o tamanho, a inteligência, a energia e a vigilância necessárias. Descemos com ele para o Sul? Seu pelo encurta para que nos possa fielmente acompanhar sob um sol mais ardente. Subimos ao Norte? Seus pés alargam-se para poder melhor pisar a neve, seus pelos engrossam para que o frio não o obrigue a nos abandonar. Destinamo-lo apenas a nossas brincadeiras, a divertir nossos olhares, a enfeitar a nossa casa? Reveste-se de uma graça e elegância soberanas, torna-se menor que uma boneca para adormecer em nosso colo, cu consente até, caso assim o exija nosso desejo, em parecer um pouco ridículo para nos agradar.

E que esta impressão seja puramente imaginária ou corresponda a uma realidade pouco importa. Como nada sabemos sobre a essência das coisas, precisamos ligar importância às aparências e é bom verificar que, ao menos aparentemente, há neste planeta onde estamos solitários como reis desconhecidos, uma criatura que nos ama".

Amemos pois, os cachorros, amemo-los por egoísmo, pois diz o sr. Masel: "Os animais dão felicidade àqueles que os amam. Amemo-los porque são os companheiros fiéis dos pobres, dos isolados, de todos os vencidos na vida. Amemo-los porque são fracos, pequenos, humildes e que é preciso suavizar o quando se pode os rápidos momentos que passam nesta Terra antes de voltarem ao nada eterno. Amemo-los porque são bons e que todas as virtudes, todas, mesmo a coragem, derivam da bondade. Amemo-los, enfim, para seguirmos o preceito evangélico: "É preciso amar". Sim. É preciso amar. Os homens... às vezes; os cachorros sempre!"

A optar entre o sorriso de um banqueiro e a dentada de um cão raivoso, prefiro a última. O cão nos mata fisicamente. O banqueiro, às vezes, nos mata física, moral e socialmente.

Os cães são dadivosos como os gênios. Dão ao mundo o que o mundo nem sempre sabe dar: bondade, gratidão, amor, fidelidade e beleza.

*

Fugi do povo em cuja cidade haja cães famintos e abandonados.

*

Quem não ama os cães desconhece todas as virtudes.

*

O despeito do homem pela superioridade do cão é tão grande, que ele é traído pelo seu subconsciente quando emprega a palavra cão com sentido insultuoso.

Prefiro um cão latindo a um político discursando. No latido do cão há sempre sinceridade.

Há mais ternura no olhar de um cão do que em todas as palavras de amor pronunciadas pelos homens.

*

As crianças e os cães são os anjos da terra.

Há no Brasil uma lei de proteção aos animais. No entanto o Governo faz passar, diariamente, pelas ruas da Cidade, carrocinhas para prender cães e sacrificá-los. Que notáveis legisladores possuímos!

*

Os táxis não aceitam transportar cães ao colo de seus donos, mas aceitam hansenianos, tuberculosos e toda e qualquer criatura portadora de moléstia contagiosa. Coisas de nossos legisladores. "Stultorum infinitus est numerus".

DISCURSO DO SENADOR VEST

“O melhor amigo de um homem poderá deixar de estimá-lo e converter-se em seu inimigo. Os filhos que ele carinhosamente criou poderão lhe ser ingratos. Os entes a quem mais queremos no mundo, e aos quais confiamos nossa felicidade e emprestamos nosso nome, poderão trair-nos e serem desleais. Um homem pode perder sua fortuna, que as mais das vezes lhe foge quando mais necessária ela é. A própria reputação pode abandoná-lo. As pessoas que nos bajulam e nos rendem homenagens, hoje que o êxito nos acompanha, atirar-nos-ão amanhã as pedras da malignidade quando a densa nuvem do fracasso por ventura se abater sobre nós.

O único amigo, absolutamente desinteressado, que possui o homem neste mundo egoísta, o único que jamais o abandonará, o único que nunca lhe será ingrato, nem traidor nem desleal, é o seu cão.

Ele permanecerá ao lado do amo na prosperidade e como na pobreza, nos bons como nos maus dias. Dormirá ao relento, açoitado pelos ventos glaciais e pela neve que o penetrará até a medula, sempre que isto significar aproximar-se de seu dono. Beijará a mão que não tem alimento para oferecer-lhe e lambe as feridas e as cicatrizes produzidas pelos embates da vida. Velará o sono do seu amo miserável como o faria se ele fosse um príncipe. Quando todos os outros amigos o abandonam

rem ele permanecerá. Quando as riquezas desaparecerem, e a reputação de seu senhor estrangalhar-se, seu afeto continuará, constante como o curso do Sol através dos céus.

Se o destino obrigar seu senhor a lançar-se aventuradamente pelo mundo, sem amigos e sem pouso, tudo que pedirá o cão fiel é a alegria de acompanhá-lo, de guardá-lo dos perigos, de bater-se por ele contra seus inimigos. E quando, chegada a derradeira etapa, a morte vier buscar o dono; quando o corpo deste jazer na terra húmida; quando todos os outros amigos se retirarem, indiferentes ou não, ali, ao lado da sepultura, se achará o nobre cão, cabeça sobre as patas, olhos tristes e opacos, porém sempre vigilante e alerta, leal e sincero até mesmo na morte”.

Estas palavras traduzem, na sua simplicidade, o mais eloquente elogio que já se fez ao animal em quem “Deus parece ter depositado uma parcela da sua infinita bondade”, no dizer de Lacordaire. Pronunciou-as há a nos o Senador Vest, então modesto advogado no Missouri, quando solicitado a intervir no julgamento de um celerado envenenador de cães. É hoje uma oração famosa, frequentemente invocada na grande nação americana. Seu conteúdo, porque vai direto ao coração, guarda o segredo das coisas que ficam.

E àqueles que forem capazes de ler o discurso do Senador Vest sem nada experimentarem, sem um toque sequer na sensibilidade, impermeáveis à força emotiva que suas palavras derramam, damos o seguinte conselho: não tenham cães, não comprem cães, não criem cães. E se acaso os têm, desfaçam-se deles.

FIM

INDICE

Notas sobre Procópio (Menotti del Picchia)	7
Como se faz rir	15
O que penso... quando não tenho em que pensa r	41

ESTE LIVRO
FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA "EDITORA
CUPOLO LTDA." DE SÃO PAULO
(BRASIL) PARA O EDITOR FOLCO
MASUCCI, EM ABRIL DE 1967



ACABA DE SAIR

A 2.a edição de uma verdadeira raridade bibliográfica

JUÓBANANERE

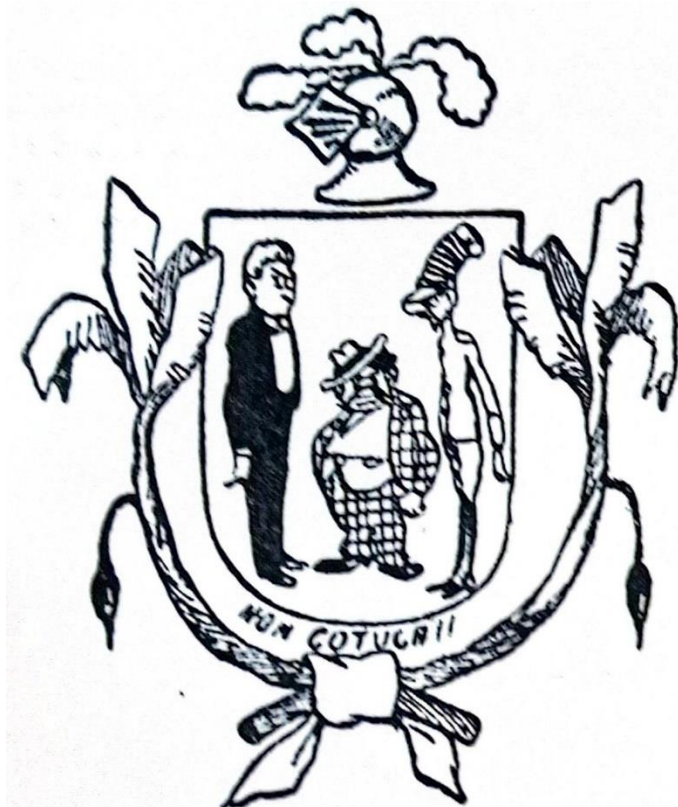
(Alexandre Ribeiro Marcondes Machado)

Candidato à Gademia Baolista de Letras

LA DIVINA INCRENCA

Prefácio do Dr. Mário Leite (do Inst. Histórico e Geográfico de S. Paulo)

Notas explicativas e introdução de Luiz Franceschini



Nascido em Pindamonhanga em 1892 e falecido em São Paulo em 1933, Juó Bananére, era engenheiro, formado pela "Politécnica" de S. Paulo. Satírico terrível, criou um estilo humorístico empregando metade do português e metade do italiano, prosa e poesia em dialeto macarrônico.

Um livro satírico, irreverente, sarcástico, atingindo figurões e políticos respeitáveis. Contendo nu-

"Discance migna cov *la* nu Piques, numerosas paródias dos prin-

N'um lugaro sulitario i triste,

cipais versos e sonetos

Imbaro d'una crus, i scrivun'ella:

brasileiros, imitando os

Fui poeta, Barbiére i jornaliste!"

"italianinhos" do Brás.

Um vol. formato 18x14, em papel "bouffant" de primeira capa, plastificada com 144 págs.

EDITOR FOLCO MASUCCI SÃO PAULO

Remessas pelo Reembolso Em todas as livrarias ou na
Distribuidora Exclusiva

"LEIA"

Livraria Editora Importadora Americana Ltda.

PRACA ALFREDO ISSA, 8 (Av. Cásper Libero esquina da Rua Beneficência Portuguesa) Tel.342277 Caixa Postal, 7129 SÃO PAULO

4,30
11/17 \$5,00

"COLEÇÃO DIAMANTE"

NOVIDADE!

Dante Alighieri

DANTE



**A DIVINA
COMÉDIA**

A DIVINA

COMÉDIA

Edição completa na trad. brasileira de J.
P. XAVIER PINHEIRO

Gracioso volume de bolso, formato 91/2 x14, em papel "bouffant" de primeira, ricamente encadernado, em tela flexível, com gravações a ouro legítimo e sobre capa de plástico transparente. 416 págs. em cad. e broch.

Na mesma coleção:

Joaquim Manoel de Macedo

A MORENINHA

(ROMANCE)

188 páginas encadernado e brochura



ANOVA

CONSTITUIÇÃO DO BRASIL

PROMULGADA EM 24 DE JANEIRO DE 1967

Formato 91/2x 14

176 págs.

—

Edição de bolso

EDITOR FOLCO MASUCCI SÃO PAULO

Remessas pelo Reembolso Em todas as livrarias ou na Distribuidora Exclusiva

"LEIA" Livraria Editora Importadora Americana Ltda.

PRACA ALFREDO ISSA,8 (Av. Cásper Líbero esquina da Rua Beneficência Portuguesa) Tel. 342277 Caixa Postal, 7129 SÃO PAULO

PROCÓPIO

A'da Isquierdo. Desse enlace nasceu a conhecida atriz Bibi Ferreira. Usou os pseudônimos de "Barão das Gambiarras" e "J.Quental."

O grande ator brasileiro, atualmente no elenco da telenovela "As Minas de Prata" e na peça "A infidelidade ao alcance de todos" será homenageado neste ano de 1967 com uma grande festa, no Teatro Municipal de São Paulo pelos seus 50 anos de atividades teatrais, completados em 22 de março.

Em suas "Notas sobre Procópio", reproduzidas neste volume, como introito, o acadêmico brasileiro Menotti Del Picchia diz:

"Na minha geração, três grandes atores tornaram-se o orgulho do nosso teatro: Leopoldo Fróes, Jaime Costa e Procópio Ferreira. Dessa tríade famosa, o grande Procópio Ferreira continua a altear seu pendão vitorioso ostentando galhardamente sua eterna juventude de artista e sua hígida força de homem. É o Procópio de sempre.

A leitura deste livro mostrará também ao leitor que, ao lado do grande artista, está um homem bom. É que não há grandeza sem bondade. Seu horror pelos medíocres vaidosos e seu amor pelos artistas, pelos humildes e pelos cães, explicam, neste semeador de alegrias, não apenas a *sobrevivência* da sua arte dentro da perene juventude do seu espírito, como a simpatia e a fama que desfruta em todas as plateias."

EDITOR FOLCO MASUCCI

本